Amália com as duas filhas.

# Histórias de Vida de Mulheres e Famílias Entre Macau e Timor na Primeira Metade do Século XX

Isabel Correia Pinto*

Devido tanto à sua situação geográfica como especificidade política, Macau manteve uma comunicação especializada com os grandes conflitos e afrontamentos armados que atravessaram a China e o Extremo Oriente nos finais do século XIX e na primeira metade do século passado. Embora o território nunca se tivesse envolvido directamente nesses confrontos que desenharam as grandes contradições imperialistas e coloniais contemporâneas, a sua situação espacial não conseguiu impedir que os habitantes de Macau sentissem a sua vida marcada e delineada pelas guerras, frequentando anos duros pautados pela insegurança, pela miséria e pela dor. As mulheres e as crianças foram talvez quem mais sofreu, por estarem mais desprotegidas, vulneráveis, e serem quase sempre detentoras de menores recursos económicos. Tantas vezes esquecidos ou ignorados é sobre estes grupos sociais femininos e infantis de Macau, largamente de extracção original chinesa e euro-asiática, que se debruça este estudo seguindo as metodologias das histórias de vida com as suas dimensões individuais, mas de sentida projecção e representação social e cultural.

* Mestre em Relações Interculturais, investigadora do Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático (CEPESA), prepara o doutoramento na Universidade do Porto sobre os comportamentos culturais dos macaenses em Portugal.

*M.A. in Intercultural Relations, researcher in the Portuguese Centre of Studies on Southeast Asia (CEPESA), preparing a Ph.D. at the University of Oporto on Macanese cultural behaviour in Portugal.*

Estas histórias de vida têm um tempo histórico particular marcado por eventos, personalidades, transformações tanto como reconfigurações políticas, económicas e sociais. A abrir, as histórias de vida que vamos acompanhar encontram-se marcadas pela difusão nos finais do século XIX e debutar do século XX de um forte movimento republicano na China. A figura referencial desta movimentação política é, como se sabe, Sun Yat-sen[1], um médico chinês, vivendo como exilado político em Macau, associando ao exercício da medicina ocidental, a partir de uma licenciatura pela Universidade de Hong Kong, uma ampla recolha de apoios políticos e materiais suportando a criação de um partido nacionalista na China, o Kuomintang[2], por si fundado e cujo líder mais conhecido viria a ser Chiang Kai-shek[3]. O seu grande objectivo é dissolver o regime imperial chinês e proclamar a República, transformação de regime alcançada em 1911 com o derrube do último imperador Qing e a proclamação da República no ano seguinte, em 1912, sendo Sun Yat-sen o primeiro presidente. Oito anos mais tarde, o conturbado mundo social e político chinês assiste à criação de um outro movimento político tão decisivo como revolucionário, o Partido Comunista Chinês, encontrando rapidamente na figura maior de Mao Tse-tung[4] um dos seus mais activos líderes. A partir de 1923, os dois movimentos políticos fundamentais na nova história política da China cruzam-se estrategicamente, sendo assinado um acordo entre nacionalistas e comunistas, passando no ano seguinte o Partido Comunista a integrar a "ala

esquerda" do Kuomintang. Quase imediatamente a seguir, em 1925, morre Sun Yat-sen, alterando-se as formas de associação e frentismo políticos oferecidas pelo Kuomintang, centralizando-se a sua liderança na forte figura de Chiang Kai-shek que, eliminando sistematicamednte os sectores mais à esquerda do Kuomintang, promove mesmo uma duríssima perseguição dos dirigentes do Partido Comunista Chinês que se conclui com a morte de milhares de filiados e simpatizantes comunistas em Xangai.[5]

Explode, assim, desde 1927, uma violenta guerra civil entre os movimentos comunistas e nacionalistas chineses, gerando um demorado afrontamento que, com várias conexões às guerras mundiais e às fracturas entre as potências universais e regionais, se prolongará até 1949, favorecendo inicialmente os exércitos nacionalistas. Perseguidos, os comunistas vêem-se obrigados a fugir, empreendendo depois o que ficou celebrado como "Longa Marcha", ofensiva militar e social mobilizando milhares de militantes que, durante ano e meio, se dirigem a pé para o extremo norte da China para ai se fixarem e reorganizarem.[6] Ainda neste dramático contexto histórico, a China será invadida e agredida violentamente desde 1937 por um Japão de pretensões imperiais que havia já ocupado, seis anos antes, a Manchúria. A partir de 1941, o Japão envolve-se também na II Guerra Mundial através do ataque à base americana de Pearl Harbour, arrastando a China e as suas populações para tempos de enormes dificuldades e provações. A derrota do imperialismo japonês no final da II Guerra Mundial, em 1945, permitiu à China recuperar a sua soberania territorial após sete anos de violenta ocupação japonesa, reacendendo-se as lutas entre nacionalistas e comunistas terminando com a vitória militar, política e social do Partido Comunista Chinês, proclamando a nova República Popular da China e elegendo Mao Tse-tung para primeiro presidente, sendo os fragmentos dos exércitos nacionalistas derrotados obrigados a refugiarem-se em Taiwan.

Esta é uma história, se quisermos, um contexto histórico mais do que sabido. Infelizmente, estudaram-se menos as consequências sociais e culturais que estas transformações e afrontamentos densos foram provocando em famílias e pessoas concretas. Sigamos um percurso familiar entre Macau e Timor que se vai organizando também em função do longo contexto histórico anterior.

Manuel Leitão.

## MANUEL LEITÃO E AMÁLIA MARIA HI

Nascido em Castelo Branco nas décadas finais do século XIX, Manuel Leitão instala-se em Macau como cabo enfermeiro do exército português estacionado no território. Em 1910, Leitão casa com uma rapariga chinesa católica chamada Amália Maria Hi. Se Manuel Leitão se pode ainda rememorar em registo fotográfico dos primeiros anos do século XX, envergando alvo traje militar, Amália não conseguiu chegar até nós em qualquer memória fotográfica deste período. Possuímos, de qualquer forma, uma fotografia ainda mais preciosa e vestusta, representando pelos primeiros anos de novecentos a mãe e a irmã de Amália.

A observação desta arranjada fotografia parece remeter mais para um ambiente de estúdio do que para um contexto doméstico, exibindo duas mulheres chinesas marcadas tanto pela sobriedade do vestuário

quanto pela economia dos gestos. A mãe e a irmã de Amália Hi não esclarecem uma família elevada, antes sugerem que o casamento de Manuel, em 1910, se concretizou com uma jovem chinesa oriunda de um meio familiar modesto. Em rigor histórico e sociológico, os portugueses também eles de famílias sem muita posses, tantas vezes saindo dos meios rurais, não conseguiam aceder em Macau a matrimónios com mulheres de famílias socialmente dominantes. Nesta altura, apenas as chineses pobres casavam com estrangeiros. A reforçar essa ideia, a fotografia indica-nos que nem a mãe nem a irmã de Amália têm os pés atados, o que é provavelmente revelador do seu baixo estatuto social. Na China imperial, ainda nos últimos anos dos Qing, as famílias com algum poder económico atavam os pés às suas filhas a partir dos 3 ou 4 anos para os impedirem de crescer: os pés pequenos eram um símbolo do erotismo e beleza femininas, sendo condição essencial entre *status* e estética para conseguir um bom casamento. Em contraste, entre as famílias pobres chinesas o costume era impraticável porque os pés atados impediam as raparigas de trabalhar em actividades produtivas, agrícolas e domésticas por não poderem deslocar-se a não ser com a ajuda de uma bengala ou de alguém que as amparasse. Uma limitação quase impossível para as limitadas economias dos meios sociais subalternos chineses, mais ainda nesses períodos de guerras e afrontamentos que tornavam difícil o trabalho e a subsistência.

Apesar de não termos o seu registo fotográfico nesta época, o nome de Amália é também revelador de uma identidade católica. Amália Maria mostra-se não apenas um nome profundamente católico, como também contraria a forma de nomear chinesa tradicional em que o apelido surge antes do nome.

Neste mesmo ano de 1910, numa aldeia perto de Viseu, nasce um menino a quem baptizam com o nome de José Pereira. Protagonista futuro destas histórias de vida, deixemo-lo por agora à nascença.

A queda do regime imperial na China, em 1911, a implantação da República e as perturbações futuras que fomos sumariando alteram a situação de muitos estrangeiros residentes em território chinês, forçando algumas famílias ao exílio e assistindo-se mesmo à expulsão de outras. Macau acolhe nesta época – como sempre foi acontecendo ao longo da sua peculiar história – muitos destes refugiados apanhados no turbilhão das profundas transformações de regimes. Entre os refugiados muitos, fixemos um casal verdadeiramente "transcontinental" vindo dessa cidade cosmopolita que é Xangai: ele é chinês, ela peruana. Tentam recomeçar a sua vida em Macau.

A mãe e a irmã de Amália.

Em 1915, Manuel Leitão e Amália Hi continuam sós, não conseguindo ter filhos. Decidem então adoptar uma menina com três meses, filha de pais chineses e abandonada à nascença. Dão-lhe o nome de Joana Leitão. Embora os chineses não incluam no conjunto do nome o apelido materno, não é por essa razão que Joana não possui o apelido da mãe. Ela tem apenas o apelido do pai porque, nessa altura, era mais valorizado um nome que fosse apenas cristão. Por isso, os apelidos que eram considerados "pagãos" deveriam ser sempre que possível abolidos. Assim, a menina ficou a chamar-se deliberadamente, por opção social e identidade católica portuguesa, apenas Joana Leitão. Em 1917, dois anos depois de adoptarem Joana, Manuel e Amália tiveram o seu primeiro filho. Segue-se, em 1919, um segundo filho varão e, em 1922, uma filha a quem chamaram Brígida Leitão.

Nestes primeiros anos da década de vinte do século passado, José Pereira continuava na sua aldeia portuguesa e por aí permaneceria até idade bem adulta, como era habitual nos meios rurais epocais.

Ao mesmo tempo, aquele casal de refugiados oriundo de Xangai tinha refeito a sua vida em Macau, alargando a sua família com dois filhos: uma rapariga que, posteriormente, fixaria residência em Hong Kong e um rapaz que, de seu nome Jacinto Ansejo, adoptaria nacionalidade portuguesa e permaneceria no enclave macaense para ingressar na Polícia de Segurança Pública.

## DEGREDO EM TIMOR

O tempo passou. Corria o ano de 1926. As quatro crianças de Manuel Leitão e Amália – a filha adoptiva e os três filhos biológicos – têm agora 11, 9, 7 e 4 anos e parece viverem uma infância normal. No entanto, no seio da família algo vai mal. Manuel Leitão é alcoólico. Além de causar graves problemas familiares, provoca também distúrbios no local de trabalho e na cidade. A comunidade portuguesa de Macau é pequena e qualquer conflito ou falha moral difunde-se rapidamente. Manuel Leitão não escapa a críticas e castigos, recebendo ordem de deportação para Timor. A parte oriental de Timor era na altura uma verdadeira colónia penal, que o colonialismo português utilizava para despejar todos os indesejados tanto vindos da oposição política como da criminalidade. Estes degredados eram, aliás, fundamentais para assegurar a própria colonização de Timor, uma colónia longínqua, insalubre, quase insuportável.[7] Por isso, era também habitual enviar para a parte portuguesa de Timor os presos e indesejados de Macau que não interessava manter na cidade.

A relação entre Manuel Leitão e Amália Hi não era nesta altura a melhor. Ao ser condenado ao degredo em Timor, Leitão pretendeu levar todos os seus filhos com ele. No entanto, perante as súplicas da mulher e a intervenção de alguns amigos, decide levar apenas os rapazes e deixar as filhas em Macau no colégio interno de freiras canossianas para raparigas órfãs e pobres.

Amália e as suas duas filhas – essa primeira menina adoptada e a sua última descendente – chegaram até nós neste difícil período de profundas alterações familiares em registo fotográfico. Rodeada pelas duas meninas, vestidas com algum cuidado ao gosto ocidental, talvez mesmo em trajes escolares, Amália mostra-se uma mulher chinesa, sendo difícil discernir no seu vestuário e gestos contidos uma identidade católica. Num cenário novamente arranjado, certamente em estúdio fotográfico, as duas filhas de Amália contrastam também por uma certa projecção de "etnicidade": enquanto Joana exibe um característico rosto, e até um "corpo", chinês, Brígida exibe uma cara mais cheia mas em que se cruzam os ascendentes luso-asiáticos. Sem meios de subsistência, Amália Hi vê-se obrigada a ir trabalhar como cozinheira em casa de famílias macaenses e a visitar as filhas somente aos domingos. Quando Joana atinge os 14 anos e Brígida os 7, ambas saem do colégio para viver com a mãe. Amália continuava a trabalhar como cozinheira em Macau, mas mobiliza agora o apoio de Joana que, no colégio das madres canossianas, tinha aprendido costura, bordados e *tricot*, fazendo para fora alguns trabalhos que ajudavam a muito feminina família.

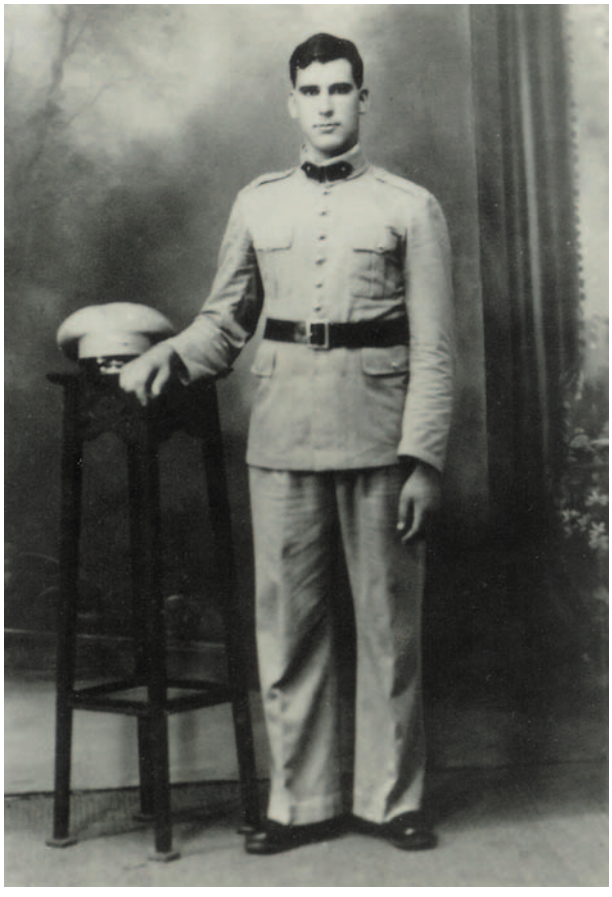
Brígida e Jacinto Ansejo.

Passaram-se mais alguns anos. Estamos em 1935 e regressamos a Portugal. José Pereira, na altura com 25 anos, está a terminar o serviço militar. Porém, uma zanga familiar fá-lo abandonar as ideias de regresso à vida civil, resolvendo oferecer-se – o que era raro – como voluntário para uma comissão de serviço em Macau. E, assim, nesse mesmo ano chega ao territóiro de Macau para uma estadia prevista de quatro anos. A sua memória fotográfica realizada em estúdio macaense sublinha a sua opção militar, exibindo um dessas pardas fardas militares do exército português, mas uma cabeça descoberta numa sorte de encenação doméstica que fez o chapéu marcial pousar numa espécie de cantareira.

No ano seguinte, em 1936, a filha mais nova de Amália, Brígida Leitão, na altura com 14 anos, conhece um jovem rapaz de 17 que trabalhava já na Polícia de Segurança Pública de Macau. Começam a namorar. O rapaz é Jacinto Ansejo, o filho desse casal peruano-chinês de refugiados vindos de Xangai. Dois anos depois – chegamos a 1938 –, quando Brígida tem 16 anos e Jacinto 19, casam e passam a viver em casa da mãe dele. Um registo fotográfico dos nubentes mostra um jovem em trajes rigorosamente ocidentais associado a uma jovem rapariga em que se acentuaram os traços de uma "etnicidade" euro-asiática. Sinal dos tempos, mas também porventura de situação social, a fotografia perdeu os arranjados cenários de estudo para se organizar à porta de uma habitação que transpira algum desafogo.

Esta interessante dualidade de uma "etnicidade" que organiza agora a produção de novos desenvolvimentos familiares continua a estruturar as memórias fotográficas que cruzam a velha Amália Hi com as suas duas filhas já jovem adultas a caminho do matrimónio. Voltando aos cenários de estúdio, Amália persiste em mostrar a sua dimensão de mulher chinesa, vestuário escuro e gestos contidos. As suas duas filhas optaram por vestuário ocidental, mas ao qual não falta um certo orientalismo: Brígida cresceu na sua "mestiçagem" e Joana segura tanto uma feminina carteira como se ergue sob o seu par de sapatos ao gosto europeu.

Entretanto, neste período, José Pereira termina a sua voluntária comissão de serviço em Macau e pretende regressar a Portugal. Contudo, em 1939 eclode violenta a II Guerra Mundial que, de imediato, perturba significativamente as possibilidades de



José Pereira.

ligações marítimas estáveis entre Macau e Portugal. Interrompidas mesmo estas comunicações longínquas, José Pereira vê-se obrigado a permanecer em Macau. Caso conhecesse já o casal, poderia ter testemunhado, em 1910, o nascimento da primeira filha de Brígida Leitão e Jacinto Ansejo, baptizada com o nome próprio de Irene.

Dois anos depois, em 1942, José Pereira continua em Macau, aguardando um navio que o levasse de regresso a Portugal. Conhece Joana Leitão e iniciam namoro.

## A OCUPAÇÃO JAPONESA DE TIMOR

Nesse mesmo ano, o polícia de Macau Jacinto Ansejo, na altura com 23 anos, é incumbido de levar alguns presos a Timor. A sua esposa, Brígida, pede-lhe que aí procure o seu pai, Manuel Leitão, e os seus dois irmãos. Jacinto assim faz. Após entregar

Amália, Brígida e Joana.

Brígida, com a filha Irene ao colo, ladeada pela sua irmã e pela sogra.

os presos, Jacinto Ansejo consegue encontrar-se com o sogro e os cunhados. A feliz reunião de uma família dividida entre Macau e o chamado "Timor Português" conseguiu perpetuar-se num raro registo fotográfico que é também lugar da memória do território timorense. Em vésperas da violenta e dramática invasão japonesa, a vida parece decorrer com toda a normalidade na parte oriental de Timor. A fotografia pode ter sido tirada num qualquer edifício civil provavelmente de Díli, mostrando, sentado, um descontraído, mas já envelhecido, Manuel Leitão, sendo a primeira fila da reunião ocupada por esses três jovens em que Jacinto Ansejo se abraça aos seus dois cunhados, todos expressando um evidente cruzamento de ascendência também "oriental". As gravatas e as bem cuidadas indumentárias brancas dão a medida de um certo vestuário ocidental ao gosto colonial dos "trópicos". Os oito homens que se reuniram para esta memória fotográfica aparecem mesmo dominados pela dimensão colonial que não se perde com esse rosto mais timorense no meio da fotografia. No Timor colonial português, nestes finais da década de 1930, seria talvez difícil encontrar um estúdio fotográfico, pelo que a composição organiza-se "naturalmente", reconstruindo uma recuperada reunião cruzando em família a sorte de homens partilhando em herança comum essa outra sorte feminina de Amália Hi e das suas duas filhas.

Após passar alguns dias com os familiares que acabara de conhecer, Jacinto pretende voltar para sua casa, em Macau. Porém, nesta mesma altura, os exércitos japoneses invadem a Indonésia e a parte oriental de Timor, anulando qualquer possibilidade de regresso. Jacinto luta ao lado de algumas tropas portuguesas e timorenses em conjunto com os cunhados contra os invasores, mas parece ter sido obrigado a fugir para o interior do território, sendo depois dado como desaparecido, certamente morrendo face aos violentos ataques e represálias japoneses[8].

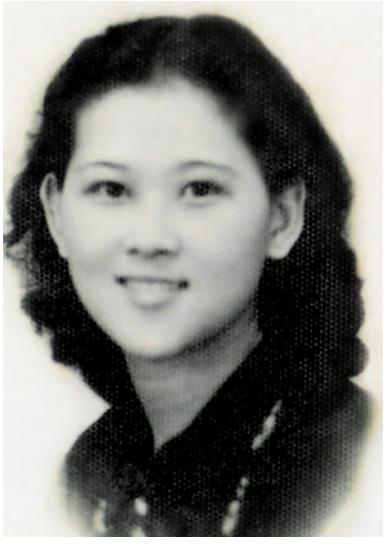
Brígida fica viúva apenas com 20 anos. A sua precoce viuvez ficou também registada fotograficamente em representação com a sua filha Irene ao colo, tendo à sua direita a irmã Joana e à esquerda a sogra. As três mulheres optaram agora por trajes europeus que, escuros e sóbrios, contrastam com o alvo vestido de Irene, oferecendo um espantoso rosto em que se mesclaram as ascendências chinesas e sul-americanas. Brígida passa a receber uma pensão por morte do marido que divide com a sua sogra. Todavia, a morte de Jacinto Ansejo nesse Timor português ocupado com brutalidade pelos exércitos japoneses dificultou as relações familiares e o entendimento entre Brígida e a sua sogra que a culpa pela morte do filho. Face a estas contradições, Brígida

Manuel Leitão, Jacinto Ansejo e os dois cunhados em Timor.

volta a abrigar-se à casa de sua mãe, Amália Hi.

## A II GUERRA MUNDIAL EM MACAU

Macau atravessava nesta altura tempos muito difíceis. A escassez de produtos era generalizada. Nas cozinhas utilizava-se como combustível bosta de vaca, já que a lenha disponível era pouca e atingia preços muito elevados. A bosta de vaca apanhava-se perto dos estábulos e, depois de seca nos telhados das casas, era usada por quem não tinha recursos para materiais de combustão com fragrâncias mais agradáveis. Não se tratava, de resto, do maior dos problemas. Extremamente graves eram, duplamente, o controlo japonês sobre toda movimentação do território e, sobretudo, o duro racionamento de bens alimentares essenciais. Esta escassez levava mesmo alguns militares do território a trocar com soldados japoneses munições por arroz. O ambiente social havia-se degradado dramaticamente, sendo comum descobrir-se muitas crianças a vaguear desesperadamente pelas ruas de Macau, abandonadas pelos pais que se viam incapazes de as alimentar. Eclodem surtos de cólera e disenteria mantendo sobrelotados os dois hospitais da cidade, situações que, em conjunto com a fome e subnutrição, transformavam frequentemente as ruas de Macau em verdadeiros cemitérios. Dramaticamente, alguns destes cadáveres encontravam-se por vezes incompletos, testemunhando que para alguns a fome era mais forte que qualquer tabu ou interdito alimentar moral ou tradicional.



Joana Leitão.

À semelhança de muitas outras famílias pobres e modestas de Macau, em casa de Amália a vida era extremamente difícil. Três mulheres e uma pequena criança com poucos meios de subsistência tentavam diariamente sobreviver com a meia pensão de Brígida, os cozinhados de Amália e alguma costura feita por Joana. Grande parte do tempo era passado em demoradas filas à espera de trocar senhas por alimentos. Num dia chuvoso, Brígida estava numa dessas filas. Embora molhada e com frio, permaneceu longamente no seu lugar e como resultado constipou-se. A constipação agravou-se, originando uma pneumonia a que Brígida não resistiu, falecendo com 23 anos. Por um infeliz acaso, morria com a mesma idade com que havia falecido o seu marido em Timor e, quase ironicamente, nesse ano de 1945 em que terminava o conflito mundial.

Irene fica, assim, órfã com apenas 5 anos, acedendo ao direito a metade da pensão do pai. Como ambas as avós reclamam a custódia da neta, abre-se uma contenda judicial em que o juiz decide enviar a menina para um colégio interno até demonstrar capacidade para decidir com quem quer ficar.

Entretanto com o fim da guerra, o antigo militar português voluntário em Macau, José Pereira, pode finalmente regressar à sua terra natal. Acaba, porém, por não o fazer e, em 1946, casa com Joana Leitão. Um registo fotográfico desta época de Joana sublinha essa extraordinária beleza de uma jovem de evidente "etnicidade" oriental a que se associaram "modos" europeus na maneira de arranjar o cabelo ou no vestuário, apesar da sua tradicional discrição que se expressa nessas tonalidades escuras. Agora, é um primeiro caso de fotografia "tipo passe" que podemos observar, mas bem ao gosto epocal, compondo-se em redondo, arranjando-se para poder descansar tanto em pessoal carteira de apaixonado quanto em qualquer mesinha de cabeceira.

Irene Ansejo.

Três anos decorridos sobre mais este casamento luso-chinês, em 1949, a jovem órfã Irene conta já 9 anos de idade. Decide escolher viver com a sua avó materna, a nossa Amália Maria Hi. Adensaram-se na memória fotográfica de Irene os seus belos traços de ascendentes "mestiços", sul-americanos, chineses

e euro-asiáticos. Em contraste com esta herança, o seu vestuário tornou-se mais ocidentalizado, assim como a composição do cabelo. Apesar deste registo ainda em idade infantil, a produção fotográfica procura sublinhar uma sorte de "pequena adulta", uma sensibilidade dominante na época, ressaltando sobretudo de estéticas e gostos disciplinados nos colégios católicos de Macau em que circulavam e aprendiam muitas das jovens católicas macaenses das mais variadas extracções sociais e origens culturais.

Passaram-se quase rapidamente oito anos. Em 1957, Irene, agora com 17 anos, conhece em Macau um militar português em comissão de serviço, de seu nome Fernando Ribeiro. Renovando essa demorada herança familiar para os matrimónios com jovens soldados portugueses, Irene e Fernando apaixonam-se e fazem planos de casamento. No entanto, a avó paterna – mãe do falecido Jacinto Ansejo – opõe-se firmemente ao casamento, não só porque Irene perderia o direito à pensão do pai, mas também porque, sendo de ascendência peruana, preferia que ela casasse com um homem de origens ou cultura "hispânica". Assim, Fernando acaba a comissão de serviço e volta para Portugal só, mas recordando em memória fotográfica a sua apaixonada ligação a Irene. Não ficará muito tempo em terras lusas. Logo que Irene completa 21 anos, Fernando casa por procuração e o casal junta-se em Portugal, organizando um desfecho que, à época, não era habitual na tipologia de comunicações estabelecidas entre militares portugueses e frequência feminina local nos espaços coloniais.

Irene Ansejo e Fernando Ribeiro.

## MATRIMÓNIOS LUSO-ASIÁTICOS E PROMOÇÃO SOCIAL

Ao acompanharmos a história de vida destas mulheres – Amália, Joana, Brígida, Irene – encontramos três gerações femininas que, sucessivamente, vão casando com militares portugueses, a que se deve ainda acrescentar a posição de polícia de Macau do infeliz Jacinto Ansejo. Estas especializações matrimoniais tão permanentes como continuadas obrigam a sublinhar algumas perspectivas sociais, culturais e simbólicas. Com efeito, em Macau, nos finais do século XIX e ainda na primeira metade do século XX, não eram muitas as saídas matrimoniais para as jovens mulheres filhas de uniões inter-étnicas. Existiam, em "teoria", três hipóteses de casamento: com chineses, com os seus pares ou com os poucos portugueses fixados ou em passagem pelo território. O acesso destas mulheres a matrimónios com chineses de condição social elevada era difícil e não era também fácil a sua comunicação e integração no seio dessas, por vezes, poderosas famílias de macaenses que se representavam como a verdadeira "gente da terra". Assim, uma saída nupcial e social encontrava-se precisamente entre esses jovens militares vindos de Portugal geralmente solteiros em idade para casar. Tornaram-se o "partido" preferido destas jovens raparigas de produção cultural "pluriétnica", não só porque representavam uma garantia de estabilidade financeira, mas também porque esse era um casamento que as promovia social e simbolicamente, gerando unidade familiar e doméstica tanto como consideração e representação sociais. Trazia-lhes, para além disso, a possibilidade de virem a conhecer Portugal, de terem filhos com características "europeias", simbolicamente prezadas, capazes de acederem ao domínio da língua portuguesa com as suas evidentes vantagens na circulação no interior do sistema escolar e académico tanto em Macau como nos meios, como então se dizia, "metropolitanos". Não obstante esta colecção de "vantagens" sociais, muitas destas mulheres, devido às suas origens, características sociais e comportamentos culturais, foram em alguns casos mal compreendidas,

usadas e abandonadas, como aconteceu com a nossa Amália Hi trocada mesmo em Timor por um outro (re)casamento local de Manuel Leitão. Em contraste, as segundas e terceiras gerações destas mulheres em "mestiçagem" social e cultural parece terem conseguido impor uma certa "estética" valorizando a sua diferença, o seu "misticismo" e a sua beleza "oriental", vazando-se em casamentos estáveis com militares portugueses em serviço no território macaense.

Estas sumárias histórias de vida remetem ainda para uma história social e cultural mais geral. Com efeito, numa perspectiva de longa duração, importa destacar que os portugueses que circulavam, trabalhavam e se fixavam em Macau praticamente não tinham acesso ao casamento com mulheres chinesas, exceptuando as *muitchai*.[9] Este modelo altera-se apenas na primeira metade do século XX com a profunda desestruturação social, parental e familiar da ordem social chinesa, começando a circular em espaços de exílio como Macau muitas mulheres órfãs e viúvas, tanto de grupos sociais intermédios como subalternos. Ao mesmo tempo, neste período estabiliza-se a colocação continuada de funcionários e militares portugueses em Macau e Timor, mas reservando-se demoradamente o território oriental timorense para receber exilados, deportados e todos os considerados "indesejáveis". Timor-Leste serviu também para receber muitos funcionários e militares indesejados em Macau, mas que chegados ao território insular ocupavam novamente lugares no funcionalismo e no exército coloniais, constituindo mesmo uma base de recrutamento fundamental do escasso funcionalismo europeu em difícil situação num espaço atravessado por doenças, clima e vida social complicada.

As quatro mulheres que organizam as nossas histórias de vida partem do contexto geral anterior, mas apresentam trajectórias especializadas comuns como encontrar no matrimónio com militares portugueses em Macau um processo de protecção e promoção sociais que nem sempre resultava estavelmente em produção familiar e consideração social. Por isso, estas histórias de vida destacam também a fragilidade das trajectórias sociais destas mulheres e uma espécie de "superioridade" de um poder masculino de soldados coloniais portugueses que, ontem, membros de pobres espaços rurais portugueses, encontram nas colónias "orientais" um acesso relativamente "fácil" a estas mulheres que chega mesmo a incluir, como no caso de Manuel Leitão, duplos casamentos em duas colónias diversas, Timor e Macau.

Finalmente, este processo social acaba por transformar cultural e simbolicamente estas mulheres filhas de casamentos inter-étnicos num grupo de mulheres categorizadas pelo seu contexto cultural e espacial como "facéis" que encontram no casamento com jovens militares portugueses o seu grande objectivo de promoção social e de construção de um futuro familiar mais protegido e considerado. RC

## NOTAS

1 Sobre Sun Yat-sen em Macau, veja-se Salinas de Moura, *Sun Iat Sen. O Fundador da República Chinesa,* Macau, Imprensa Nacional, 1958.

2 Veja-se o sumário deste período oferecido em Renée Grousset, *Histoire de la Chine,* Paris, Fayard, 1994, pp. 319-332.

3 Cf. Jonathan Fenby, *Chiang Kai Shek: China's Generalissimo and the Nation He Lost,* Londres, Carroll & Graf Publishers, 2005; Hung-mao Tien, *Government and Politics in Kuomintang China, 1927-1937*, Stanford, Stanford University Press, 1972; C. Martin Wilbur, *The Nationalist Revolution in China, 1923-1928*, Cambridge, Cambridge University Press, 1984.

4 Cf. Stuart R. Schram, *Mao Tse-Tung,* Harmondsworth, Penguin, 1966; Stuart R. Schram, *The Thought of Mao Tse-Tung*, Cambridge/Nova Iorque, Cambridge University Press, 1989; Ross Terrill, *Mao: A Biography*, Nova Iorque, Harper & Row, 1980.

5 Patricia Stranahan, *Underground: The Shanghai Communist Party and the Politics of Survival, 1927-1937*, Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, 1998.

6 Harrison Evans Salisbury, *The Long March: The Untold Story*. Nova Iorque, Harper & Row, 1985.

7 Cf. Teófilo Duarte, *Ocupação e Colonização Branca de Timor,* Porto, Edit. Educação Nacional, 1944.

8 A morte de Jacinto Ansejo aparece rigorosamente referida em José dos Santos Carvalho, *Vida e Morte em Timor durante a Segunda Guerra Mundial,* Lisboa, Livraria Portugal, 1972, p. 131: "Alguns Portugueses falecidos no mato onde andaram foragidos. 1 – Jacinto José Ansejo. Guarda da polícia de Macau. Em Manatuto, em data ignorada".

9 Termo cantonense que designava as crianças chinesas vendidas pelos pais aos portugueses e outros europeus que as baptizavam e criavam directamente ou através de instituições assistenciais locais como a Misericórdia de Macau. Cf. Ivo Carneiro de Sousa, "A Misericórdia de Macau. Caridade, poder e mercado nupcial", in *Revista de Cultura*, Edição Internacional, Macau, n.º 14 (Abril 2005), pp. 27-41.